

Sarney lidera revolta no Congresso contra Bisol

Geraldo Magela

Um clima de verdadeira comoção tomou conta do Congresso com a divulgação do esquema de corrupção montado pela empreiteira Norberto Odebrecht. O senador José Paulo Bisol (PSB-RS), que analisou os documentos da empreiteira, foi duramente criticado. “O Passarinho tem que reagir e restabelecer a ordem; o Bisol virou presidente e relator da CPI”, esbravejou o senador José Sarney (PMDB-AP), durante jantar, na noite de quarta-feira, na casa do senador Jonas Pinheiro (PTB-AP). O deputado Mavíael Cavalcante (PFL-PE) apelou e, da tribuna da Câmara, atacou: “Dizem por aí que o senador Bisol é gay”. Ao meio-dia, Mavíael foi ao restaurante do Senado, armado, e, segundo o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), fez ameaças de morte a Bisol.

“A comissão tinha que tomar conhecimento destes fatos primeiro, e não o presidente e os ministros militares”, reclamou o senador Francisco Rollemberg (PFL-PI). “O Mercadante é uma vivandeira de quartel”, condenou o governador Leonel Brizola, durante almoço com parlamentares do PDT no Hotel Nacional. “Só tem políticos nordestinos, não há nomes do Sul e do Sudeste”, constatou o deputado Benito Gama (PFL-BA), coordenador da Subcomissão de Bancos. “Será que só tem ladrão no Nordeste?”, emendou o deputado Moroni Torgan (PSDB-CE). “Como o

Bisol disse que tinha 100 nomes e só tem do Nordeste, pode ser que os demais sejam das outras regiões”, ironizou em seguida Benito, que ainda fez um duro ataque a Bisol: “Tem que ter a dignidade e a coragem de falar nomes. Quem fala em números, agora, é covarde, tão sujo quanto a sujeira do Orçamento”.

O relator da CPI, Roberto Magalhães (PFL-PE), abriu mão de seu comedimento e alfinetou: “É o comitê de salvação pública”, referindo-se ao período do terror na Revolução Francesa. “Só uma parte da CPI teve acesso aos documentos”, protestou o senador Élcio Álvares (PFL-ES), ao relatar o fato de que o senador Francisco Rollemberg e o deputado Moroni Torgan, designados para examinar os documentos, terem sido alijados por Bisol e Mercadante. Mas, Álvares considera que Passarinho tem responsabilidade pelo clima criado: “Não é hora de mistério, mas de transparência. Os documentos deveriam ter sido distribuídos”.

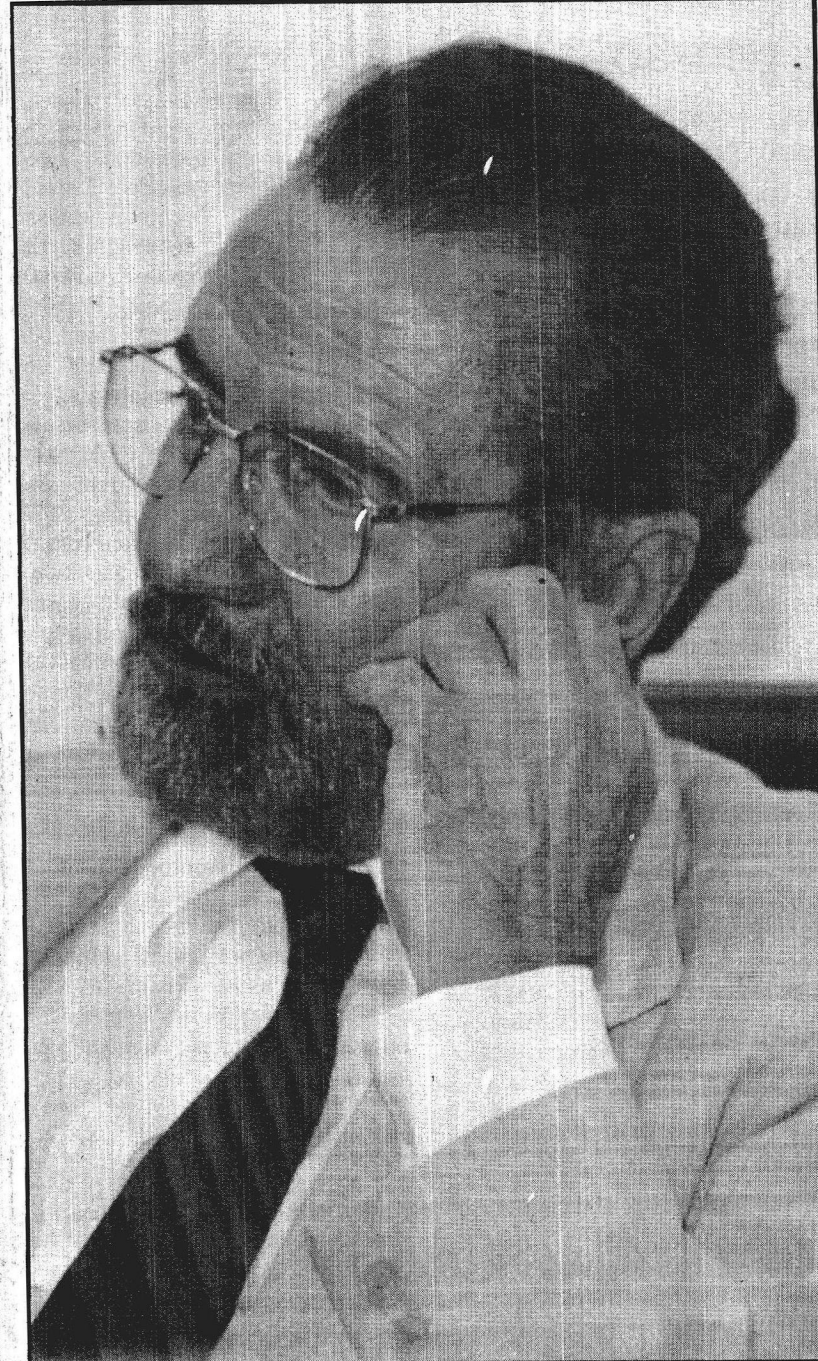
Controle — “O Passarinho tem que controlar, tem que bater o martelo. Como é que ele permite que o Bisol investigue sozinho?”, reclamava, no corredor das comissões, o senador Valmir Campelo (PTB-DF). “Os pedidos de quebra de sigilo passam pelo Itamar. Imagina se fosse adotado o mesmo princípio na CPI do PC-Collor”, criticou outro integrante da CPI. Ontem, pela manhã, na Subcomissão de Subvenções, investigadores e investigados se uniram para condenar o que chamam de “irresponsabilidade” do senador gaúcho.

“É uma irresponsabilidade

traumatizar este Congresso e levar isso ao Presidente da República e aos ministros militares”, reclamou Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). “Essa organização secreta é fantasiosa, mirabolante”, disse Costa Ferreira (PP-MA). “Estas empresas não se entendem entre si. É inadmissível uma organização que tenha em seus quadros CR Almeida e a OAS”, afirmou Sérgio Guerra (PSB-PE). “Acho que o Bisol atrapalhou tudo”, concordou Messias Góis (PFL-SE). “Eles exageraram, criaram um clima de que o mundo vai cair. Nada justifica tamanho estardalhaço”, completou João Almeida (PMDB-BA).

Protestos — Os senadores Teotônio Vilela (PSDB-AL), Antônio Mariz (PMDB-BA) e o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) protestaram diante da informação de envolvimento com o Norberto Odebrecht. Todos eles encaminharam ofício ao senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), presidente da CPI, abrindo mão de seus sigilos fiscal e bancário. Mariz decidiu também interpelar judicialmente a Norberto Odebrecht.

O deputado Miguel Arraes (PSB-PE) foi um dos únicos que encaram o episódio com tranqüilidade. Ele esteve ontem pela manhã com o líder do Governo, senador Pedro Simon (PMDB-RS), e com o presidente da CPI. Ao sair do gabinete de Passarinho, onde pretendia arrancar uma declaração escrita de que seu nome não constava dos papéis apreendidos, afirmou: “Me chamaria de burro se tivesse assinado alguma coisa pedindo dinheiro”.



Bisol foi a pessoa mais atacada ontem em um Congresso tenso